

O produto do Cartel

Product of the Cartel

Sandra Leticia Berta. Membro da EPFCL-Brasil

Resumo. As reflexões sobre o cartel e sua função na formação do psicanalista permitem abrir a pergunta sobre o estatuto do termo “produto” do cartel. O mesmo é diferenciado da produção, entendida como trabalho de elaboração do cartel a partir das articulações extraídas da teoria dos quatro discursos e das elaborações sobre a teoria dos nós borromeanos. Propomos que o produto refere a um saber que encontra o limite do impossível de saber. Neste sentido, sustentamos que o produto é motor e obstáculo do cartel.

Palavras chaves: Cartel; Produto; Psicanálise; Saber.

Abstract: The reflections on the cartel and its function in the formation of the psychoanalyst allow opening the question on the statute of the term “product” of the cartel. The same it is differentiated of the production, understood as work of elaboration of the cartel from the concepts extracted of the theory of the four discourses and the elaborations on the theory of borromean knots. We propose that the product relates to a known that meets the limit of the impossible to be known. In this direction, the product is engine and obstacle of the cartel.

Keywords: Cartel; Product; Psychoanalyst; Know.

Há dois anos, por ocasião das Jornadas Nacional de Cartéis, acontecidas em Belo Horizonte, parti de uma hipótese na qual tentava justificar que o motor e o obstáculo do trabalho, no cartel, poderia ser considerado à luz do *produto* que dele se espera. Retomarei algumas dessas reflexões para avançar outras que dizem respeito à diferenciação entre a produção e o produto no trabalho de cartel.

De fato o que interessa é retomar o estatuto disso que Lacan chamou “o produto” no trabalho do cartel.

Do percurso histórico, que recorto a seguir, destaco o deslocamento do termo “trabalho” para o termo “produto” – que se espera advenha no momento da dissolução do cartel – levantando a questão sobre esse produto, o qual se diferencia da produção como tempo de elaboração. Lembro que o pano de fundo é a questão da formação na psicanálise e o saber possível que está em jogo na mesma.

Mais uma vez, lembremos que a estrutura do cartel, órgão de base de uma Escola, é o artifício proposto por Lacan para um trabalho que intersecciona intensão e extensão.

Em 1964, no *Ato de fundação*, Lacan pronuncia que a execução do trabalho, na Escola, será sustentada em pequenos grupos, sem definir os nomes dos mesmos, sendo compostos por um número de pessoas de três a cinco e pelo Mais-um quem cuidaria da seleção, discussão e destino reservado ao trabalho de cada um. Desse pequeno grupo, efêmero, se esperava a elaboração de um saber como trabalho de base. Em 1971, nas notas anexas a esse texto que tratam das questões que ficaram em aberto, nomeia esse pequeno grupo *cartel*. O cartel se oferecia como instrumento para entrada na Escola, o mesmo sendo uma das duas modalidades: “O grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação, e que se chamará cartel, apresenta-se para minha aprovação com o título do trabalho que cada um tencione levar nele”.<sup>1</sup> Como se observa, antes mesmo da nomeação, estavam declarados os objetivos e a estratégia do funcionamento. Entretanto, nesse período o termo “produto” não aparece na proposta e no seu lugar encontramos o termo “trabalho”.

Eis a razão pela qual se deve destacar que, prévio a essas notas anexas de 1971, Lacan inclui suas considerações sobre o final de análise e sobre o Passe (1967)<sup>2</sup>, e a seguir oferece suas formulações sobre os quatro discursos. A *Alocução sobre o ensino*, proferida em 1970, cerne a questão sobre a formação do psicanalista. O ensino se articula com o Discurso Universitário, no qual o saber está no lugar do agente: “O ensino é saber que é descaracterizado, em suma, pelo lugar de onde ele impera”.<sup>3</sup> O que me interessa destacar - e que já foi desenvolvido minuciosamente por nossa colega Rithée Cevasco<sup>4</sup> em suas articulações sobre o saber no cartel – é a tensão que encontramos na formação do psicanalista, via o cartel, entre o Discurso da Histórica, no qual efetivamente o saber está no lugar da produção e o Discurso do analista, no qual o saber está no lugar da verdade, não-toda.

---

<sup>1</sup> LACAN, Jacques. Ato de Fundação (1964) Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 241.

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967) Em: *Outros Escritos*. Ob. cit., p. 248-264.

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. Alocução sobre o ensino(1970) Em: *Outros Escritos*. Ob. cit., p. 306.

<sup>4</sup> CEVASCO, Rithée: Por uma Escola do cartel. Em: Guatimosim, B. (org.) *Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Salvador: AFCL, 2004, p. 116.

Cinco anos depois, em 1975<sup>5</sup>, nas *Jornadas de Cartéis da Escola Freudiana de Paris*, encontramos somente três menções sobre a produção, que não tiveram eco no debate. No final da sessão do dia 12 de abril, Georges Boutvinik afirma que “é preciso produzir” e que essa questão não foi tocada. Um dia depois, Juan David Nasio abre essa sessão, retomando os pontos do cartel mencionados anteriormente, lembrando que, no mesmo, a elaboração e a produção visam à experiência clínica, ela mesma, e o saber do analista. Nesse mesmo dia Lacan se questiona sobre o trabalho isolado dos analistas. Sem dúvida, essas Jornadas não aportaram questões diretas ao tema da produção, nem mesmo do produto, pois se centraram na questão crucial do Mais-um. Entretanto, podemos deduzir o que estas articulações aportaram a esse tema, posteriormente.

Finalmente, em 1980, no texto *D'Écolage*<sup>6</sup>, encontra-se explícita a questão do produto, que não se confunde com a produção nem mesmo com o trabalho, como acontecia anteriormente, assim como tentei demonstrá-lo até agora. “Quatro se escolhem para prosseguirem um trabalho que deve ter um produto. Dou a precisão: produto próprio de cada um, e não coletivo”. Eis aqui que se diferencia especificamente o que pode ser da ordem da produção – no coletivo – e do produto – como saber de cada um.

Uma ressalva a ser feita: se bem podemos considerar que produto e produção são muitas vezes usados como sinônimos, parece-me que neste contexto é importante diferenciá-los, lembrando que o produto é o resultado de um tempo de trabalho no cartel em que a produção se entende como trabalho de elaboração que perpassa a repetição.

O produto de cada um, que se diferencia da produção como elaboração, cerne um saber sobre ao qual seria melhor não renunciar, a não ser que queiramos ridicularizá-lo. Um saber que se diferencia do ensino, e que báscula entre o saber produzido pela questão que a divisão subjetiva provoca e aquilo que se pode saber de uma verdade, sempre não toda. O obstáculo que o produto apresenta se vincula ao coração da formação do psicanalista. Dessa formação considero que não podem desvincular-se duas considerações, por um lado, o horror ao saber que o psicanalista deve

---

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. (1975) Journées de Cartels de 11, 12 e 13 de abril de 1975. Site da biblioteca de l'Ecole Lacanienne. [www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan80.php](http://www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan80.php)

<sup>6</sup> LACAN, Jacques. *D'Écolage* (1980). *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 0, s/d.

circunscrever “o dele próprio, destacado do de todos”<sup>7</sup>, e pelo outro, “o produto próprio de cada um, e não coletivo”. Trabalhar em cartel, eis a proposta, mas o produto de cada um opera os giros que vão do saber no lugar da produção (discurso da histórica) para o saber no lugar da verdade (discurso do analista) e no qual “A verdade não serve para nada senão criar o lugar onde se denuncia esse saber”<sup>8</sup>. Essa pode ser a chave, a dobradiça, que a palavra *cartel* também significa. Dobradiça entre intensão e extensão.

Observei anteriormente que, em 1975, pouco foi dito em relação ao produto. Entretanto, considero que a extensa discussão sobre o Mais-um tinha no horizonte essa questão. Entendo que existe uma solidariedade teórica entre a estrutura do cartel e o que dele se espera: o produto final de cada um. A estrutura do cartel, nesse momento encontrava num movimento retroativo, a justificativa da sua escrita matemática:  $X + 1$ . Um trecho dessas Jornadas me guia nestas considerações. Cito, então, uma das intervenções de Lacan, em que se refere à função do Mais-um:

“[...]  $X + 1$  é precisamente o que define o nó borromeano, e é a partir de retirar este um – não qualquer um – que se obtém a individualização completa, ou seja, que não sobra – a saber, do  $x$  em questão – não há mais do que um por um”<sup>9</sup>

Três dias depois, na aula do seu Seminário *RSI* se refere ao cartel e à questão do Mais-um fundamentando-o na estrutura do nó borromeano. O Mais-um faz a “costura” do nó borromeano, ele está no seu discurso equiparado ao que será a função da nomeação e do Nome do Pai. O Mais-um, nesse sentido é o *sinthome* que ex-siste e que enoda o que? Os 3, 4, 5 cartelizantes? Seria absurdo pensá-lo assim. Já temos extensos comentários a esse respeito em nossa comunidade. O Mais-um enoda *RSI*, isto é: a estrutura no funcionamento do cartel para a obtenção de um saber que não se torne mito.

Se pensarmos a estrutura, a dissolução do cartel é o momento de desamarre do nó borromeano. A dissolução coincide com o produto de cada um. Eis o que pode pôr a dissolução par a par com o conceito do ato. Porém - e aqui é onde chamo a atenção para minha proposta recente -, o produto de cada um não deveria ser somente o texto escrito que se espera no final. O produto é de

---

<sup>7</sup> LACAN, Jacques. Nota Italiana (1973). Em: *Outros Escritos*. Rio Ob. cit., p. 313.

<sup>8</sup> LACAN, Jacques. Nota Italiana (1973). Em: *Outros Escritos*. Ob. cit., p. 315.

<sup>9</sup> LACAN, Jacques. (1975) Journées de Cartels de 12 de abril de 1975. Site da biblioteca de l'Ecole Lacanienne de Psychanalyse. [www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan80.php](http://www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan80.php). Tradução livre. Texto original : «  $X + 1$  c'est très précisément ce qui définit le nœud borroméen, à partir de ceci que c'est à retirer cet 1 qui dans le nœud borroméen est quelconque, qu'on en obtient l'individualisation complète, c'est-à-dire que de ce qui reste – à savoir du  $X$  en question – il n'y a plus que de l'un par un ».

um saber sobre o impossível de saber e que, também, pode ser traduzido como inibição, sintoma ou angústia. Isso nos deveria fazer pensar naquilo que chamamos os 'fracassos' do cartel. O produto é de um saber que, em última instância, diz do que fracassa em escrever o real. Razão pela qual continuo a pensar dito produto como motor e obstáculo estrutural no funcionamento do cartel.